



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS



LUCAS ARTIAGA PFEIFER OLIVEIRA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**O MUNDO DA FICÇÃO DISTANCIA TANTO DO MUNDO REAL? QUESTÕES SOCIAIS E
INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO INFANTIL-JUVENIL A PARTIR DE PRODUTOS
MIDIÁTICOS**

Uberlândia – MG
Dezembro / 2017

Lucas Artiaga Pfeifer Oliveira

**O MUNDO DA FICÇÃO DISTANCIA TANTO DO MUNDO REAL? QUESTÕES SOCIAIS E
INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO INFANTIL-JUVENIL A PARTIR DE PRODUTOS
MIDIÁTICOS**

Monografia apresentada à banca examinadora de graduação do Instituto de Biologia (INBIO) e Faculdade da Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Profa. Dra. Daniela Franco Carvalho

Uberlândia - MG
2017

Lucas Artiaga Pfeifer Oliveira

**O MUNDO DA FICÇÃO DISTANCIA TANTO DO MUNDO REAL? QUESTÕES SOCIAIS E
INFLUÊNCIA NO COMPORTAMENTO INFANTIL-JUVENIL A PARTIR DE PRODUTOS
MIDIÁTICOS**

Monografia apresentada à banca examinadora de graduação do Instituto de Biologia (INBIO) e Faculdade da Educação (FACED) da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Data: ____/____/____

Nota: _____

Banca Examinadora

Prof. Dra. Daniela Franco Carvalho – Orientador(a)

Instituto de Biologia (INBIO) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dra. Iara Maria Mora Longhini – 1º Examinador(a)

Faculdade de Educação (FACED) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof. Dra Lúcia de Fátima Estevinho Guido – 2º Examinador(a)

Instituto de Biologia (INBIO) – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

À minha família, por sua capacidade de acreditar e investir em mim. À minha mãe, Raquel, aos meus avós, Randolpho e Eleni, meus irmãos, tios, primos, amigos e colegas pelo apoio, incentivo, paciência, carinho e amor constantes para com esta etapa de minha vida.

Agradecimentos

A Deus, por me ter me dado saúde e força para superar todas as dificuldades encontradas durante a graduação.

A esta universidade, seu corpo docente, direção e administração que me oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior, eivado pela acendrada confiança no mérito e ética aqui presentes.

À minha orientadora Daniela Franco Carvalho, pelo suporte, paciência e incentivo para com meus projetos, não somente esta monografia, mas vários outros desenvolvidos durante a graduação, e por me fazer sempre acreditar que meus sonhos são possíveis, que eu posso alcançá-los.

À minha família, aos que estão próximos e distantes, aos que estão presentes e os que já partiram, por todo o amor, apoio e incentivo incondicionais, por sempre me fazer acreditar que eu poderia sim me tornar alguém, que eu poderia sempre superar qualquer dificuldade que fosse encontrada em meu caminho para o futuro.

Às amigas que formei durante a graduação, que contribuíram não somente com minha formação profissional, mas com meu crescimento pessoal, com gestos simples de humildade e companheirismo, sempre me levantaram quando estive no caído ou então quando estive à beira de desistir de minhas realizações.

E a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu sincero obrigado.

ÍNDICE

Introdução.....	página 1
Metodologia.....	página 13
Resultados.....	página 15
Universitários.....	página 15
Pais.....	página 23
Considerações finais.....	página 30
Referências.....	página 31
Anexo 1: Questionário para o público universitário.....	página 35
Anexo 2: Questionário para o público de pais.....	página 38
Anexo 3: Termo de consentimento para o público universitário.....	página 42
Anexo 4: Termo de consentimento para o público de pais.....	página 43

Resumo

Muito pode ser dito a respeito das mudanças e variações que a própria mídia e os produtos midiáticos sofreram com o passar das décadas, anos, afins. A indústria cinematográfica, televisiva, empresas que trabalham com o lançamento de periódicos, revistas em quadrinhos, revistas de interesses femininos e masculinos, dentre outros exemplos, estão inovando com relação ao conteúdo que trazem para o público. Este trabalho possui a finalidade de contribuição para com os Estudos Culturais, abordando as temáticas: mídia, questões sociais, comportamento infantil, e opinião pública. O objetivo principal da pesquisa está voltado para análise de opinião de estudantes de graduação, pais e mães a respeito de questões como: machismo, feminismo, racismo, agressividade, influência sobre o público infantil-juvenil, entre outras questões a partir de produtos diversos ofertados pela mídia. Como forma de explorar e trabalhar a opinião pública foram elaborados dois questionários de opinião para dois públicos, um público de universitários, e um público de pais, que funcionou tanto em forma de entrevista com gravação de voz, envio de áudio via Whatsapp ou através de escritas no formato WORD. Através do presente trabalho, foi possível a absorção e síntese de informações coletadas durante o período de execução, envolvendo as questões sociais trabalhadas, de forma a considerar todos vieses que cada entrevistado apresentou como uma forma de contribuição para a solução de problemas que a sociedade enfrenta, de forma a melhorá-la.

Palavras-chave: Ficção. Produtos midiáticos. Influência. Comportamento infantil-juvenil.

Abstract

Much can be said about changes and variations in a media and media products have suffered over the decades, years, and the like. The film industry, television companies, newspaper publishers, comic magazines, women's and men's interest magazines, among others, are innovating with respect to the content they bring to the public. This work has a purpose to contribute to Cultural Studies, addressing as subjects: media, social issues, child behavior, and public opinion. The main objective of the research is focused on the opinion analysis of undergraduate students, parents and mothers regarding issues such as: machismo, feminism, racism, aggression, influence on the child-juvenile audience, among other subjects from diverse products offered by the media. As a way of exploring and working public opinion, it is an audience of universities, and a parent audience, that worked either in the form of interviews with voice recording, sending audio via Whatsapp or through writing in the WORD format. Through the present work, it was possible to absorb and synthesize information collected during the execution period, involving as social issues, in order to consider all the biases that each interviewee presented as a form of contribution to solve problems that society faces, in order to improve it.

Keywords: Fiction. Media products. Influence. Child-juvenile behavior.

INTRODUÇÃO

Muito pode ser dito a respeito das mudanças e variações que a própria mídia e os produtos midiáticos sofreram com o passar dos anos, décadas, afins. A indústria cinematográfica, televisiva, empresas que trabalham com o lançamento de periódicos, revistas em quadrinhos, revistas de interesses femininos e masculinos, dentre outros exemplos, estão inovando com relação ao conteúdo que trazem para o público.

Inovando não necessariamente significando como remodelar toda a estruturação de seu conteúdo, trocar o tipo do conteúdo que antes era exposto para seu público alvo, abordando uma temática diferente simplesmente por modismo, por ser tendência. Não há como negar que isso em certos casos ocorre, mas a inovação ocorre no sentido de trazer à luz questões que são necessárias para serem discutidas. Atualmente, questões como discriminação étnica e sexual, objetificação de mulheres, violência doméstica, estão sendo trabalhadas com mais frequência, em todas as faixas etárias.

E a faixa etária juvenil (crianças e adolescentes), é a faixa onde conhecimentos estão em formação, onde o sujeito está aprendendo sobre o que é certo e errado, o que é ético ou não, dentro do meio em que vive, e com quem convive. A todo o momento, estão absorvendo informações sobre o ambiente, as pessoas e grupos com quem convivem, suas crenças, seus princípios, hábitos, assim como os seus preconceitos.

Informações adquiridas tanto na escola, quanto em casa, quanto da internet ou então em qualquer outro tipo de meio midiático podem influenciar positiva e/ou negativamente na vivência do indivíduo, sua conduta, no meio social, no local de trabalho, local de estudos ou então a outro tipo de ambiente.

Cabe a mediação dessas informações não somente ao sujeito que, baseando-se nos estudos que possui acerca do tema, informações que coleta, vieses analisados e seu senso crítico em torno de tal questão social, poderá afirmar e/ou apontar o certo e errado, como também outras figuras de convívio que podem auxiliar o indivíduo a encontrar respostas para suas perguntas, como pais, mães, professores, entre outros. Caberá ao sujeito tardiamente fazer uso do conhecimento que possui para com a sociedade.

E quando falamos sobre o uso do conhecimento, gostaríamos de esclarecer sobre o modo com o qual as informações poderão ser transmitidas, trabalhadas na sociedade em que o sujeito se encontra presente. Caberá ao sujeito entender seu contexto, seus componentes e suas constantes “atualizações”: normas, tanto antigas quanto novas, conceitos e preconceitos, ter em mente a variedade de indivíduos, etnias, crenças, gostos, contextos familiares, condutas sobre o que é dado como certo ou não, que são aprendidos tanto no âmbito familiar, quanto no escolar, quanto no social (local de trabalho, áreas de lazer como shoppings, entre outros).

Tomando essas informações como base, podemos estabelecer o conceito de diversidade dentro da sociedade, e sobre como essa se altera, quais os problemas que enfrenta, e quais as

mudanças necessárias à mesma. De forma a complementar o ramo de estudos culturais, uma temática a ser trabalhada, seria a representação social. Como a diversidade está sendo trabalhada no contexto da sociedade ao qual o indivíduo está inserido? Através desta pesquisa, serão feitos estudos da representação social através da mídia, e como o indivíduo e comunidade estão a par dos mesmos, como reagem a eles.

Os estudos culturais são um ramo das Ciências Sociais, com caráter investigativo sobre a criação e disseminação de significados nas sociedades atuais. Dentre as áreas trabalhadas, temos a representação social, ramo que segundo Codato (2010) estabelece uma ponte entre mundos individual e social, de uma sociedade que atualmente está em constantes mudanças. O autor cita que a perspectiva de uma sociedade em mudanças é importante para o fortalecimento dos estudos culturais, da mesma forma que investigação dos meios que são responsáveis pela distribuição dos produtos midiáticos. Meios de comunicação se enquadram como os mediadores, como responsáveis por direcionar o produto para determinado público, ou então para o público geral, sem demasiadas seleções ou restrições (etnia, idade, entre outros fatores a serem considerados).

Esses estudos constituem um ramo da sociologia geral, mas têm uma grande relevância para a comunicação a partir do momento em que se propõem a entender os meios de comunicação como geradores de sentidos e mediadores na apreensão e na constituição da cultura (CODATO, 2010, p. 50).

Devido às mudanças no panorama midiático, os meios como a televisão, cinema, séries, desenhos deixam apenas de servir como modo de entretenimento, e passam a abordar aspectos que antes não eram trabalhados, ou então, que foram feitos de forma supérflua. Como consequência, o público poderia imaginar que determinada questão não merece atenção, não é tão importante ou relevante. Um exemplo que pode ser dado a respeito disto: importância da mulher em um contexto histórico, como a Segunda Guerra Mundial, contexto esse que já foi adaptado inúmeras vezes para cinema e televisão.

Em se tratando de mudanças, estabelecendo ligação com o item anterior, podemos tomar como base o filme intitulado “Mulher-Maravilha” (2017), de Patty Jenkins, e seu destaque por ser um filme solo de uma super-heroína, que traz não só a essência da personagem, como sua importância dentro das histórias em quadrinhos, tanto como uma contextualização do que foi o mundo durante a Segunda Guerra Mundial na visão social de homens e mulheres, como também, . E como bônus, trabalha a luta feminista e a quebra de tabus sobre a impotência feminina em um mundo machista assim como a importância das mulheres durante o conflito.

Em relação à inovação, não somente temática, mas também quanto à disposição do conteúdo para todos os tipos de telespectadores, filmes, séries, desenhos animados recentes estão passando por constantes adaptações, de forma a alcançar um público mais amplo.

Conforme comentado por Szezecinski e colaboradores (2017), durante os últimos vinte anos, conteúdo audiovisual, em especial séries televisivas têm ganhado mais destaque e serem mais consumidas devido à difusão de serviços online de audiovisuais, como por exemplo, sites de séries e *streaming*, que há anos, vêm explorando estes serviços. Os autores trazem a citação de Jost (2012): “...a *seriefilia* substituiu a *cinéfilia* e, mesmo se diferenciando dela, adquiriu alguns de seus traços” (JOST, 2012, p.4 *apud* SZEZECINSKI et.al., 2017, p.6).

Segundo Szezecinski e colaboradores (2017), a partir dessa inovação, os fãs de determinados programas poderiam desfrutar não só de seu conteúdo favorito, mas também de diversos outros conteúdos audiovisuais, assim como outros produtos online, forma de consumo que vem sendo explorado pela indústria de quadrinhos (sites de leitura de HQs online) há tempos, assim como o cinema também vem adotando esses métodos.

E não somente serviços de leitura online e de streaming são comuns, como também diversos subprodutos, serviços, entre outros, surgem para acompanhar o grau de consumismo, como comunidades online, sites de compra de produtos sobre determinado filme ou série ou desenho animado ou HQ ou personagem, além de sites de fofocas e sensacionalismo sobre a vida de determinado ator, atriz, diretor, entre outros. Szezecinski e colaboradores (2017), trazem um conceito abordado por Kellner (2001), em que: “*a cultura modela os indivíduos, evidenciando e cultivando suas potencialidades, capacidades de fala, ação e criatividade*” (KELLNER, 2001, p. 11 *apud* SZEZECINSKI et. al., 2017, p.6). Em outras palavras, a cultura de forma generalizada, é acima de tudo um exercício que tem como requisito a participação, onde os indivíduos podem moldar suas identidades e sociedades.

Este fato é sustentado considerando a internet como meio de comunicação e mediador midiático – cultural de ampla escala, considerando o vasto público que a mesma alcança, assim como a disponibilidade de conteúdo, informações, serviços que a mesma oferece, de forma a agradar, integrar a todos.

Tal fato permite maior interação com públicos diversos, em questão de faixa etária, de gostos (podem ser destacados os diferentes gêneros, desde simples e mera diversão, à um material que tenha a intenção de passar alguma mensagem), de disponibilidade, entre outros. Um fator que pode ser importante destacar é que tal mídia deva estabelecer um tipo de comunicação com o público que está conferindo o produto, e em especial, o produto que queira acima de tudo deixar uma mensagem.

Mas mesmo assim, há um risco com relação à comunicação. E está pautado sobre como as informações deverão chegar, como são direcionadas ao público e se há algum aspecto mesmo que implícito, que não deveria estar presente.

Em se tratando das questões sociais a serem abordadas na sociedade, que recebem atenção e divulgação midiática, devem ser tratadas com seriedade, como questões-problema a serem resolvidas, e ao máximo possível, não serem tratadas apenas como sensacionalismo, ou

então, representar de forma dissimulada, parodiada. Vamos tomar, por exemplo, episódios de desenhos animados em que o personagem principal pra obter alguma coisa, ou então resolver alguma situação, já se vestiu de mulher (representação parodiada de *drag queen*, como já foi demonstrado por personagens como Pica-Pau, Bob Esponja, e o Professor Utônio, em as Meninas Super-Poderosas).

Para os estudiosos que adotam uma concepção de ser humano historicamente construído e que enxergam a sociedade como um produto histórico-dialético, a comunicação obrigatoriamente torna-se um problema a ser pesquisado. Ela deve ser estudada como um campo de problemas, na medida em que sua prática requer a superação da própria realidade. A preocupação não é mais com o que é comunicado, mas sim com a maneira com que se comunica e com o significado que a comunicação tem para o ser humano (ALEXANDRE, 2001, p. 112).

O trabalho de Alexandre (2001), que cita Barbosa e Rabaça (1987) traz argumentos tanto positivos quanto negativos sobre a comunicação, seguindo a visão do teórico Umberto Eco, acrescentando seus próprios adendos. Nesse trabalho, aspectos positivos e negativos sobre a comunicação são abordados, e serão destacados a seguir.

Aspectos positivos: 1) Democrática, pois liberta o homem na medida em que proporciona oportunidades, destruindo as antigas barreiras de classe, tradição e gosto, misturando e confundindo tudo, dissolvendo as distinções culturais; 2) Proporciona diversão para as massas cansadas que compõem a força de trabalho; 3) Divulga os atos de corrupção; 4) Proporciona cultura para milhões de pessoas, permitindo ao homem médio dispor de uma riqueza de informações, nunca antes vista, divulgando obras culturais a preços muito baixos.

Aspectos negativos: 1) Extremamente conformista, isto é, encoraja uma visão passiva e acrítica da sociedade; 2) Valoriza, em demasia, a informação da atualidade, entorpecendo a consciência histórica; 3) Difunde uma cultura homogênea, destruindo as características culturais de cada grupo etário; 4) Conservadora, pelo fato de trabalhar somente o que já foi assimilado, seguindo apenas as leis do mercado; 5) A fim de não poupar esforço para o entendimento das mensagens, nivela superficialmente a sua produção.

Uma vez tendo esses aspectos em mente, devemos estar atentos e dispostos a estudar qual é o conceito e como funciona a Cultura Midiática. A princípio, é um processo empenhado

em auxiliar, através da mídia, a promoção de modificações socioculturais em paralelo com as mudanças da realidade presente, do “agora”. O intuito, fazer com o que o indivíduo abandone sua indiferença para com a sociedade em que vive, no meio em que vive. Caberá a interpretação do mesmo com os produtos que recebe por meio da mídia, o conteúdo que está absorvendo. Mas que tipo de produtos exatamente estão sendo direcionados ao sujeito, e à sociedade?

Segundo Moreira (2003), a Cultura Midiática está ligada à visão de mundo, valores e comportamentos, que assimilando os diversos tipos de gostos e consumos, com a incorporação de “ideias de felicidade” e compromisso com o “ser humano”, cujos produtos são produzidos e distribuídos, por intermédio de empresas de comunicação, entretenimento e publicidade. Em outras palavras, produtos midiáticos são produzidos para entrarem no mercado, na intenção de serem consumidos pela população, seguindo certos critérios (como o tipo do público, gramática, contexto). Em seu trabalho, o autor afirma que a “Cultura Midiática” é também um fator que retoma implicações do conceito de “Indústria Cultural”, em que as ideias e ideais são produtos à venda, dependendo do tipo de distribuidor.

Santana e Rodrigues (2017) citam Kellner (2001) em duas considerações feitas pelo autor a respeito da intenção da cultura midiática: “...cultura midiática consegue contribuir com elementos utilizados por indivíduos para desenvolverem seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de ‘nós’ e ‘eles’” (KELLNER, 2001, p. 9); “define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral” (KELLNER, 2001, p. 9).

Alexandre (2001) afirma que a cada dia, estamos recebendo informações por meio de imagens e sons que, de diversas formas, buscam elaborar, variar ou então converter condutas ou crenças dos indivíduos consumidores dessa mídia. O autor afirma serem os efeitos dos Meios de Comunicação de Massa (MCM) nas relações sociais, conforme cita McLuhan (1969), em que inúmeras e diversas informações, provindas de todas as partes do mundo, vêm a público.

A representatividade está presente e ligada à mídia, sendo espalhada, alterada, mitificada e desmitificada a todo o momento. Não é incomum programas, filmes, séries ou histórias em quadrinhos (HQs) abordarem, por exemplo, o movimento LGBT, ou então a luta contra o racismo, a luta feminina pelo reconhecimento e igualdade, não só abordando aspectos das lutas da vida real, não as desconsiderando ou então colocando a realidade como um segundo plano, mas também construindo uma crítica, sobre o papel do personagem, sobre sua construção dentro da história e como se dá sua importância.

Por outro lado, há também o risco de essas questões serem trabalhadas de forma mais caricata, demonstrando esses aspectos de modo exagerado, parodiado, já que uma piada pode ser feita em torno dessas questões. Ou ainda elas simplesmente podem ser esquecidas e só sobrar a piada em si, dando mais um reforço aos estereótipos que estão presentes no dia a dia como, por exemplo, homossexuais são caracterizados em filmes ou séries por trejeitos

“escandalosos”, ou então, negros são conhecidos em filmes de terror como “os primeiros a morrer”.

Uma preocupação também existente dentro da sociedade acerca da mídia seria sobre o poder de sua influência de um meio midiático sobre o comportamento e humor de um indivíduo. Considerando que os meios de comunicação, televisão, cinema, sites, entre outros, estão propensos a disseminar qualquer tipo de conteúdo, e que há uma facilidade de acesso enorme à todos os tipos de público, essa preocupação gira em torno se tais conteúdos são adequados em especial ao infantil-juvenil.

Não é incomum nos depararmos atualmente, tanto na internet como em momentos cotidianos em meio familiar ou social, com os seguintes questionamentos e afirmações: “Filmes de terror só trazem coisas ruins, você pode acabar ficando louco”; “os video-games hoje em dia estão tornando os jovens muito violentos”; “Na televisão, só estão passando programas violentos ou então programas de sexo. Meu filho não pode ver isso, se ele comentar, o que meus amigos e vizinhos vão achar?”; “Essas novelas hoje em dia estão horríveis, mostrando só viado* e traveco^{1*} Não vou deixar mesmo meu filho assistir a isso. Vai que ele fica todo afeminado também”. Apesar de haver a possibilidade, dentre algumas das citações anteriores serem baseadas em preconceitos existentes e falta de informação sobre determinados produtos midiáticos, os produtos midiáticos podem sim influenciar na conduta, pensamento e opinião a respeito de determinado assunto, tema, ou questão social. Fora apenas os aspectos negativos, podem haver também os positivos, como a quebra dos preconceitos e de estereótipos, mostrando ao público uma visão social mais otimista, ainda confirmando a influência do meio midiático. Como se dá esse processo?

Tomando como exemplo, a televisão, segundo Gomide (2002), o meio televisivo possui poder de influência na vivência na vida do indivíduo em sociedade, onde construção de conceitos e ideais referentes a por exemplo, drogas, sexo, se dá de maneira discreta, sutil. A autora traz uma fala de Strasburger (1999) em seu trabalho: “*toda televisão é televisão com fins educativos. A única questão é: O que ela está ensinando?*” (STRASBURGER, 1999, *apud* GOMIDE, 2002, p.6).

O item anterior tem como seu maior exemplo um produto que é consumido por todas as faixas etárias (considerando que nem sempre classificação etária possa ser respeitada, apesar de servir como um aviso), independente se é considerado atual ou de época: os desenhos animados.

Nem todo desenho animado já feito foi completamente livre de referências do mundo atual. Comumente, alguma crítica social acerca de preconceitos, ou então algum tipo de influência “adulta”, ou então pode ser expressa de forma sutil, chegando a ser imperceptível para uma criança ou até mesmo adolescentes, mas que com uma formação crítica desenvolvida

¹ Termos vulgares usados geralmente como ofensa a homossexuais e transexuais – Nota do Escritor.

ao longo do crescimento dos jovens, esses pequenos detalhes podem se revelar. Claramente não generalizando, considerando que há exemplos de desenhos de época em que não havia a preocupação de criar violência gráfica ou então estilizar os personagens de forma sensualizada ou vulgar ou então de outra forma exagerada.

Vamos imaginar alguns exemplos: um desenho animado cuja temática é faroeste, e que possui elementos do gênero inseridos neste, além de clássicas cenas de luta, como por exemplo, alcoolismo e dezenas de personagens fumando, além de uma enorme quantidade de palavreados que vão desde um simples xingamento até uma conversa voltada à ironia e ao sarcasmo. Ou então em desenhos em que a temática de um episódio seja a vida pós-morte, e a divisão céu e inferno, o anjo que está no portão recebendo os personagens e à medida que vão aparecendo personagens, podem ser observadas algumas “dicas” sobre o que pode ter acontecido ao personagem para chegar ao céu.

Um desenho datado, “Tom & Jerry”, que foi um ícone dos anos 2000 para infância e juventude, em um episódio com esta premissa, podemos ver algumas dicas sobre a retratação da crueldade humana aos animais. Os efeitos podem girar em torno desde o choque, dependendo do telespectador que passa a perceber tais questões implícitas, até mesmo a sensação de nostalgia.

Este tipo de fórmula, de referências, mensagens “subliminares”, elementos exagerados, pode ser vista tanto em séries, quanto em HQs, quanto em filmes. E essa influência sobre comportamento, pensamento, conduta e afins, está ligada intimamente à alterações e renovações do conteúdo que será passado por meio dos produtos midiáticos. Essas trabalhando atualmente com a representatividade buscam geralmente, através da recepção do público, a quebra dos preconceitos presentes nas sociedades atuais.

Um detalhe que pode ser percebido em torno da representatividade chegando ao público através dos filmes, desenhos, séries e revistas em quadrinhos é que não há grande aprovação deste tipo de apresentação por parte dos ditos “fãs raiz” ou “fãs de era de ouro”. Um exemplo, um filme baseado em uma história em quadrinho ou então de um livro, que sofra adaptações por parte do estúdio, da produção para que tais questões sejam abordadas. Esse tipo de situação pode gerar inúmeras e severas críticas em torno da produção do filme, por parte deste público, que defende de forma extremamente árdua o quanto é importante manter a essência de tal personagem, ou então de tal história.

Outro aspecto seriam as reclamações em torno do fato de que as questões sociais estão chegando ao público por esses produtos midiáticos. Normalmente, esse tipo de situação envolve reclamações e comentários negativos, levando em consideração de que a representatividade, seja qual for, é apenas mais uma moda adotada pela indústria televisiva, cinematográfica, para alcançar o público e que a tendência seria apenas decair cada vez mais o nível de qualidade dos produtos que chegam a partir dos mesmos. Os argumentos trabalhados envolvem desinteresse,

reclamações e até mesmo, alguns espectadores, internautas, consumidores de tais produtos conseguem encaixar discussões políticas, para justificar as alterações de contexto, de personagens e afins. E normalmente, tais argumentos carregam consigo acusações sobre apoio ou desgosto a tais mudanças, porque determinado público vota em determinado partido, candidato, ou então premissa política.

Desmembrando as histórias em quadrinhos, como um exemplo de mídia artística que vem ganhando repercussão com o passar dos anos, e com isso, conquistando uma legião de fãs de diversas faixas etárias. Com a apropriação do conteúdo para o cinema, televisão e afins, logo há uma longa área de alcance deste tipo midiático, e ocorre certa disponibilidade para serem trabalhados certos assuntos e ocorrerem algumas modificações. Assuntos esses voltados muitas vezes para as questões sociais. Algo interessante que pode ser citado, a respeito deste meio, que a princípio, esteve voltado ao princípio do divertimento do público, seria sua capacidade de adequação de sua temática em paralelo às mudanças de eras, e tal fato não ocorre quando surge a necessidade de determinada questão, fato histórico, polêmica, precisa ser discutida.

As histórias em quadrinhos, ao longo dos anos, recriaram esse movimento de diversas formas, sempre caracterizado pelos pensamentos vigentes do período histórico no qual foram escritas (DA COSTA, 2010, p.46).

Uma vez que o público acerca das histórias em quadrinhos aumenta, fica claro que as temáticas tendem a variar para atingir desde o mais simples até o mais crítico dos leitores.

Entretanto, tratando sobre histórias em quadrinhos, é notável que não é somente um tipo de mídia voltada apenas para um lado “machista” social. Ao deparar com a quantidade incontável de HQs abordando demasiadas temáticas, assim como filmes, séries, desenhos animados, como também cultuarão os ideais corpóreos masculinos e femininos assim como a importância que os personagens portadores ou não desses perfis possuem dentro de uma dada história, temas familiares, temas éticos, temas históricos, temas que muitas vezes não se prendem apenas na ficção científica e magia. Longe das questões apenas estéticas dos corpos masculino e feminino dos personagens das histórias em quadrinhos, quais outras questões podem ser levadas em consideração? Como são representadas outras classes sociais dentro de uma HQ? Como são representados os homossexuais (gays, lésbicas, bissexuais, transexuais e transgêneros)? Como são representados os negros nas histórias? Como é representada a questão da religião? Há alguma especificidade, caráter ou então sátira em torno sobre como é representada, ou sua relação com o personagem? Como as crianças atualmente estão reagindo com relação a essas questões? Como a sociedade está reagindo sobre essas questões?

Uma publicação por Natania A. Nogueira (2010) criara um link com a questão da mulher e da representação feminina nas histórias em quadrinhos. O texto usa como exemplos

personagens criado nas décadas 1940, 1950 e 1960, hoje também presentes, reescritos e revisados pela editora DC Comics, editora essa que possui grandes nomes dentro da mídia concorrente da editora Marvel Comics. Exemplos populares usados foram Batgirl, Supergirl e Mulher Maravilha. Dentro do contexto, são analisadas participações das aventuras das personagens e seu trabalho dentro das aventuras, desde a importância que as personagens tinham dentro da história, até a forma como eram sempre representadas, de forma caricata, extremamente sensualizada que, segundo a autora, servia para a venda dos quadrinhos para um público machista. Homens trabalhando em histórias em quadrinhos voltados para homens, e vendendo uma imagem sensualizada sobre como é o sujeito “feminino”.

O mesmo padrão pode ser considerado para o modelo masculino através das representações em histórias em quadrinhos. O trabalho de Beiras e colaboradores (2007) explicita a questão do traçado masculino, levando em consideração a importância do personagem dentro da história, sua ética, se trata de um protagonista, de um antagonista, ou então de um personagem secundário, que não vai ter tanta relevância quanto o protagonista, sendo esse quem vai sofrer mais das consequências dentro da história, necessitando posteriormente de uma “salvação”.

Discussões feitas a respeito do texto apresentado, usado como base, puderam ser levantadas outras questões, não envolvendo somente o ideal estético feminino, mas também o masculino. A respeito do físico ideal masculino, diversas teorias rondam a respeito dos personagens masculinos que são encontrados dentro de uma dada HQ. Segundo Beiras e colaboradores (2007), o formato corpóreo de um personagem masculino está intimamente ligado com por exemplo, o histórico que o personagem possui, a importância dele dentro da história, e qual seria a posição ética tomada pelo mesmo. De certo modo, são vendidas para o leitor as maneiras sobre como ele deve se portar, como deve agir para ser aceito socialmente.

Com relação à participação dos negros nas histórias em quadrinhos, o papel dos mesmos também chegara a variar de acordo com ética dentro do universo e aventura a que estavam inseridos. De certo modo, as classificações não estão longe do real. Na sociedade atual, apesar do nível da informação que existe, ainda existem traços racistas. Com relação ao desempenho de um personagem, da mesma forma como foram estereotipados personagens femininos e machismo, segundo sexualidade, para personagens negros, há ligações com escravidão, com habilidades muitas vezes pautadas nos atributos sobre-humanos. Segundo Júnior (2013), a herança racista que partiu da realidade e passou para o universo das HQs posicionou personagens negros a habituação periférica, no sentido de estarem em um contexto mais desfocado, deturpado, e que com isso, é criada uma íntima ligação com a vilania. No artigo trabalhado pelo autor, o foco era com relação à empresa Marvel Comics, que ao começo de trabalhos com personagens negros, a visão dada a eles era exatamente a periférica.

Para ambos, o protagonismo era definido de acordo com a ética e importância dentro dos quadrinhos, ambiente e situação em que o mesmo se encontrava. Não é novidade nenhuma que ainda há racismo, mesmo que implícito, dentro das histórias em quadrinhos, e no que se refere, a quadrinhos americanos. Com relação à discriminação contra o negro, conforme dito por Lopes (2012), mesmo com movimentos de conscientização sobre essa questão, ainda é perceptível um curto ou até ausente espaço e importância do negro na mídia nos Estados Unidos, onde a questão racial é mais complicada, considerando que o Brasil já enfrenta essa falta atualmente, e que ainda recebe material em massa de produção americana. E quando se trata do mesmo possuir protagonismo, muitas vezes, está relacionado ao heroísmo dentro de periferias, onde o combate ao crime se trata bem mais com roubo, a questão social é a pobreza, e até mesmo o personagem não possui um traje como os grandes heróis americanos. A exemplo, vindo da Marvel Comics, Luke Cage, herói negro do Harlem, está mais voltado em suas histórias para a defesa nas ruas, e o mesmo enfrenta as adversidades com roupas simples, não com trajes táticos ou tecnológicos. As características do personagem foram levadas para a série lançada em 2016, na Netflix, onde mostra a ação do personagem nas ruas com roupas simples, roupas de capuz, e sobre como esse fato desperta o preconceito apresentado na série, de que não é possível que um negro usasse um capuz possa ser um herói.

Não somente parando no preconceito contra negros, o racismo também pode possuir outra vertente, de “Americanização”. Exemplo a ser citado é o herói da Marvel Comics, Punho de Ferro, melhor amigo de Luke Cage, herói branco, milionário, e um dos melhores artistas marciais da editora. Há discussões na internet sobre a relação de poder e protagonismo em torno do Punho de Ferro, sobre o mesmo ter sido treinado por monges, e ter dominado artes marciais de forma promissora e se tornado melhor do que personagens asiáticos, que segundo a mídia, independente de quanto tempo esse estereótipo está instalado e do quanto foi explorado além dos quadrinhos, são os personagens que possuem maior habilidade de artes marciais, e são colocados no papel de vilões, em gangues, em máfias, entre outros. O personagem também possui uma série de parceria Marvel/Netflix.

Machismo e feminismo, ainda existem representações de violência contra mulher nas histórias em quadrinhos, que muitas vezes têm por objetivo causar o sentimento de chocar o público, sobre o assunto, ainda presente. E não somente pelo meio das revistas em quadrinhos, como também o modo em que determinadas histórias são repassadas para um meio audiovisual (a exemplo, desenhos animados e filmes) e certas adaptações são feitas para atingir o público atual. Nem sempre os resultados são favoráveis.

Desde a integração da atriz Jennifer Lawrence à franquia X-Men, interpretando o papel da mutante Mística, alavancou o sucesso da franquia, e a cotação para a personagem aumentou, juntamente com a chamada para encarnar a personagem em patamares mais privilegiados, como protagonista principal.

Um exemplo que pode ressaltar como o público adulto, juvenil, infantil, inclusive os que exercem atividades na indústria cinematográfica atualmente possuem um senso crítico a respeito das questões sociais feminismo e machismo aconteceu este ano (2016). O último filme da franquia X-Men lançado em 2016: X-Men Apocalypse estreou em junho, e o marketing envolvia pôsteres, trailers, banners, entre outros. Em uma sexta feira (03), uma polêmica foi gerada pela atriz Rose McGowan (À prova de Morte) através de um cartaz onde mostrava o vilão principal do filme, Apocalypse (En Sabah Nur) enforcando a heroína Mística, que a princípio, era a protagonista do filme. E é perceptível no cartaz a seguinte legenda: “Apenas os fortes sobreviverão”. Segue abaixo o depoimento² da atriz:

“Tem alguma coisa errada quando a equipe de marketing da 20th Century Fox acha normal usar a violência contra a mulher para promover um filme. Não há contexto na publicidade, é apenas uma mulher sendo estrangulada. O fato de ninguém ter reclamado disso é ofensivo e, francamente, estúpido. Os gênios por trás disso precisam se olhar no espelho e pensar em como estão contribuindo para a sociedade. Imaginem se fosse um homem negro sendo estrangulado por um branco? Ou um homossexual sendo estrangulado por um hétero. A repercussão seria enorme. Vamos esclarecer as coisas. Fox, já que você não pretende colocar uma diretora para comandar seus filmes, pelo menos remova essa propaganda.

Vou terminar o texto com uma conversa que minha amiga teve com sua filha. Ao passarem pelo outdoor, a garota comentou: ‘Mamãe, por que aquele monstro está machucando aquela mulher?’

Isso veio de uma garotinha de 9 anos. Se ela conseguiu perceber alguma coisa errada, como a equipe de marketing da FOX não conseguiu?” (2016)

Em meio à problemática com relação ao marketing do filme estar gerando polêmica em redes sociais, e com isso sendo bombardeados com críticas, os estúdios 20th Century Fox fezera uma declaração pública desculpando-se pelo mal entendido. Segue a declaração³ feita:

“Em nosso entusiasmo para mostrar a vilania do personagem Apocalypse nós não reconhecemos imediatamente a conotação perturbadora dessa imagem impressa. Uma vez que nos demos conta do quão intensa ela era, nós rapidamente nos adiantamos para remover os materiais. Pedimos desculpas por nossas ações e nunca apoiariamos a violência contra mulher”. (2016)

² Disponível em: <http://legiaodosherois.uol.com.br/2016/x-men-apocalypse-outdoor-do-filme-causa-polemica-entre-as-feministas.html>. Acesso em: 22/10/2017

³ Disponível em: <http://legiaodosherois.uol.com.br/2016/x-men-apocalypse-fox-pede-desculpas-por-polemicaenvolvendo-outdoor-filme.html>. Acesso em: 22/10/2017

Ambos os relatos estão descritos no blog Legião dos Heróis, que também compartilha links e conteúdo via Facebook, estão disponíveis para consulta.

A polêmica envolvendo o apontamento da atriz e ainda a citação da mesma de que uma criança de nove anos de idade acentuara uma questão de “peso”, diga-se de passagem, abre um novo questionamento: seria possível que esses universos explorados de super-heróis podem influenciar positivamente e/ou negativamente o comportamento de uma criança? Como visto anteriormente, sobre a venda de imagens femininas e masculinas se dá por meio do contexto, ética e aparência, os mesmos podem de certo modo influenciar o comportamento de uma criança, e pode se dar através de uma brincadeira, por exemplo, em que ela interpreta um personagem que viu em ação na televisão e busca criar ou reproduzir a cena.

Como dito por Barbosa e Gomes (2012), a relação entre criança e cultura é ativa, há uma correspondência, além do fato de que crianças também possuem as próprias interpretações e conclusões a respeito do que é o objeto cultural, do meio que a cerca, e a brincadeira pode revelar esse comportamento, por exemplo. Quem dirá que ela não vai assumir, por exemplo, um papel de um vilão arrogante ou um herói narcisista?

Não somente em histórias em quadrinhos, como em filmes e programas que passam na televisão ou serviços de streaming, existe também uma dada preocupação acerca da influência dos mesmos em torno do comportamento infantil-juvenil. Barbosa e Gomes (2012), trazem uma reflexão de Brougère (2008), a respeito do conteúdo que é transmitido e repassado para o público infantil-juvenil: *“Essas imagens traduzem a realidade que a cerca ou propõem universos imaginários”* (BROUGÈRE, 2008, pág.40).

Quanto a personagens homossexuais, apesar de a sociedade atual estar mais que “repleta” de informações, ainda há ignorância com relação à identidade, gênero e sexualidade. Não é nenhuma novidade que há preconceito e homofobia na atualidade, marcados muitas vezes por crimes, ódio que perpassam publicamente, pelas redes sociais, entre outros. Dentro das histórias em quadrinhos, a questão do preconceito foi trabalhada diversas e diversas vezes. Um exemplo citado por Do Carmo Dalbeto e Oliveira (2014) foram os X-Men.

Lançados pela editora em 1963, os X-Men tornaram-se um marco na história das HQs ao retratar um grupo de jovens nascidos com uma anomalia genética, o Gene X, que lhes conferia poderes especiais. Mesmo que suas características não se manifestassem visualmente, os mutantes eram temidos e perseguidos pela sociedade em decorrência de sua superioridade. (DO CARMO ALBETO & OLIVEIRA; 2014; p.67)

Segundo citação de Morrison (2012), feita por Do Carmo Dalbeto e Oliveira (2014), está cada vez mais “transparente” que as criações fictícias são reproduções do mundo real, que personagens discriminados são construídos pela discriminação existente no mundo real. Para personagens homossexuais, são evidentes histórias em que o próprio personagem, ou próximos

chegam a ser agredidos pelo preconceito. Com o passar dos anos, algumas adaptações foram feitas à medida que informação e determinados preconceitos foram sendo vencidos. Analisando alguns exemplos, certas representações de personagens homossexuais não demonstram fraquezas, e apresentam uma postura mais firme. Mas seria possível, ainda assim, dizer que a opção sexual do personagem pode influenciar o leitor quanto a própria sexualidade?

A partir do que foi exposto, o objetivo deste trabalho é analisar a opinião de estudantes de graduação, pais, mães, e internautas sobre o machismo, feminismo, racismo, entre outras questões que são abordadas socialmente a partir de HQs, cinema, séries e desenhos animados.

METODOLOGIA

O trabalho está voltado para contribuição dos Estudos Culturais, que podem ser considerados como uma área em que são trabalhadas as diversas realidades humanas, utilizando como objetos, incertezas, conceitos, preconceitos, éticas, história, entre outros.

Com base no trabalho de Costa e colaboradores (2003), estudos culturais não concebem um amontoado articulado de ideias e pensamentos. Pelo contrário, podem trabalhar e serem trabalhados em diversos ramos e possuem inúmeras linhas de pesquisa e pensamento que podem receber o título de “tumultos teóricos”. Stuart Hall, pensador contemporâneo sobre a cultura, citado pelos autores, afirma que os estudos culturais, inicialmente se estabeleciam como projetos de oposição, e suas movimentações, de certo modo, eram consideradas “instáveis”.

Os Estudos Culturais se constituíram como um projeto político de oposição, e suas movimentações “sempre foram acompanhadas de transtorno, discussão, ansiedades instáveis e um silêncio inquietante.” (HALL, 1996, p.263 apud COSTA et.al., 2003, p.40)

Tendo como base o trabalho de Wortmann e colaboradores (2015) sobre os estudos culturais, usando como recurso todas as impressões possíveis dentro do tempo possível, com relação aos problemas sociais e outras questões regentes na sociedade atual, e sobre como essas estão representadas uma mídia não convencional. Através desse, foi possível uma análise sobre como estão sendo vistos os padrões masculinos, femininos, tendências comportamentais, éticas, entre outras, as quais as mídias que apresentam super-heróis podem apresentar.

Conforme dito por Marteleto (2001), analisar informações por meio de redes sociais pauta em interações que não seguem uma hierarquia, abertas, e até onde essa prática pretende levar determinado assunto. Durante o período de dois semestres letivos no ano de 2017, o trabalho se desenvolveu através do seguinte método: investigação em redes sociais e sites de pesquisa e entretenimento, fóruns, blogs, de forma a encontrar conteúdos midiáticos tanto de época quanto atuais, de forma a estabelecer um comparativo de opinião de internautas diversos,

com acesso a tais produtos, serviços, entre outros. Tomando como base os dados analisados (postagens, comentários, fotos, links, entrevistas traduzidas para determinado blog ou site), foram desenvolvidos e aplicados questionários de opinião para dois públicos distintos, um público de pais, e um público universitário, levando alguns destes elementos que foram analisados.

Ao público universitário há o interesse em saber sobre quais são as percepções que os mesmos possuem em torno dos produtos que os mesmos consomem ou então em alguma época da vida consumiram determinado produto midiático, e se lhes ocorre ou convém alguma crítica em torno do que está sendo ofertado pela mídia atualmente à sociedade.

Ao público de pais segue-se a mesma premissa do questionário do público universitário, com a soma das considerações feitas pelos pais entrevistados em torno do que os filhos consomem que é produzido pela mídia. Através do questionário, poderão ser sanadas dúvidas que inclusive foram citadas e explanadas no trabalho de Gomide (2002), onde pesquisadores indagam a respeito da influência da programação da televisão sobre o comportamento infantil-juvenil. Questões trazidas por ela se distanciam com relação à criatividade e caligrafia do autor deste trabalho, mas não com relação ao teor do conteúdo, como por exemplo, preocupação com a programação, acompanhamento, preocupação com o tipo de comportamento que os filhos podem desenvolver, não somente no aspecto agressivo, entre outros. São elas: “são os meios de comunicação potencialmente perigosos para os adolescentes ou simplesmente oferecem diversão e entretenimento durante um período de imenso desenvolvimento, crescimento e estresse? Será que os adolescentes são mais suscetíveis aos meios de comunicação que os adultos? Os meios de comunicação prosociais podem ensinar estilos de vida saudáveis aos adolescentes, assim como podem ensiná-los sobre o processo de tomada de decisões? Será que aqueles que criticam os meios de comunicação são simplesmente “caretões” ou são estudiosos sérios que observam as pesquisas das ciências sociais e vêem razões para alarme?”.

Ambos os questionários possuem perguntas abertas, em que o entrevistado pode responder expressando sua opinião de forma mais discursiva ou então mais direta. O questionário para o público universitário foi composto por 11 (onze) questões, e o questionário voltado para o público de pais composto por 16 (dezesesseis) perguntas, e ambos estão disponíveis nos anexos 1 e 2. Os questionários ao final foram analisados, livre de julgamento pessoal individual pelo desenvolvedor deste projeto, e foram feitas sínteses de todas as questões, onde foram trabalhadas de forma conceitual todas as respostas colhidas nos questionários. Juntamente aos questionários, foram enviados termos de consentimento, garantindo a proteção do nome do entrevistado, pedindo a permissão para trabalhar com as respostas, apenas. Todos os questionários e termos de consentimento virão como anexo a seguir, e os resultados obtidos virão ao final. O projeto havia inicialmente a intenção de trabalhar os questionários de forma dialogada, no formato de entrevista com gravação do áudio ou então envio do áudio via

Whatsapp para o desenvolvedor. Entretanto, devido a questões de prazo e considerando as ocupações e obrigações que cada entrevistado possui, foi aberta uma nova alternativa para garantir também a comodidade: os entrevistados poderiam optar por enviar o áudio ainda assim, ou então optar por enviar suas respostas no formato Word.

RESULTADOS

Após coletar informações de redes sociais, publicados por internautas de modo geral, foram montados dois questionários para reforçar a pesquisa, um voltado para o público universitário, e outro para o público de pais. O critério para o público universitário foi considerar a formação de pensamento crítico e a bagagem de informações que cada um leva consigo, para dar uma opinião. O critério para realizar o questionário com os pais seria o quanto de informações eles possuem para serem passadas para os filhos, e se estão cientes também do tipo de informação que os mesmos estão recebendo por meios diversos. Inicialmente, a pesquisa tinha por intuito trabalhar com 20 (vinte) entrevistados, 10 (dez) para cada questionário. Ao final, a meta de 10 (dez) entrevistados foi cumprida para o público universitário, e devido a questões de prazo para entrega, a pesquisa para com o público de pais se encerrou com o saldo de 9 (nove) entrevistados.

Seguem agora, as respectivas perguntas dos questionários e considerações a respeito das respostas recebidas.

UNIVERSITÁRIOS:

1) Você possui o costume de ler histórias em quadrinhos? Possui algum desenho animado favorito? Algum filme favorito? De qual gênero de filme você mais gosta? Possui algum seriado favorito?

A primeira pergunta estava relacionada aos gostos dos entrevistados com relação a filmes, séries, personagens, histórias em quadrinhos. 6 (seis) participantes afirmaram não ter o costume de ler histórias em quadrinhos, e 4 (quatro) afirmaram ter um hábito “leve”, em outras palavras, não costumeiro ou então, leram em uma determinada época da vida, como na infância. 1 (um) entrevistado entre os 10 (dez) não possui o hábito de assistir a séries. Todos os entrevistados estavam de acordo com relação ao hábito de assistir desenhos animados quando na infância, e também na vida adulta, e afirmaram ter ao menos 1 (um) gênero favorito de filme, dentre os vários tipos, terror, suspense, romance.

2) Vamos supor que houvesse um desenho que você via em uma determinada época, e com o tempo, parou de assisti-lo. E agora, você retorna a vê-lo. Você sentiria alguma sensação diferente ao lembrá-lo?

Sobre essa pergunta, 7 (sete) entrevistados relacionariam o assistir ao desenho com o sentimento de nostalgia, com o sentimento de alegria que aquele programa poderia trazer a tona, relembrando a infância. 1 (um) candidato não saberia dizer o que sentiria, 1 (um) candidato não parou para pensar em retomar os desenhos que assistia, e 1 (um) afirmaria que não haveria um sentimento envolvido. 2 (dois) entrevistados ressaltaram que devido aos conhecimentos adquiridos a partir das vivências que passou não veria mais o desenho animado da mesma forma.

3) Na época em que assistia aos seus programas, você o fazia apenas por diversão, ou possuía alguma opinião ou crítica em torno do conteúdo?

Com relação a essa pergunta, houve um consenso entre todos os entrevistados que responderam a esta questão, em que durante a infância, os desenhos animados eram vistos apenas por diversão, em dar mais privilégio ao meio em que o programa se passava, o modo como era trabalhado o programa, os elementos que estavam sendo demonstrados e como eram construídos. Um fator interessante pode ser citado no texto de Do Ramo Silva e Gomes (2009), cujo exemplo são os trabalhos de Walt Disney, detalhes como cores, cenário e trilha sonora são elementos essenciais para que o interlocutor possa passar por imersão no filme ou desenho animado, gerando um vínculo emocional. Elementos como músicas, sons diversos, cores, imagens são importantes e fazem a diferença para que haja maior empatia, maior imersão no desenho que estão assistindo. E para 5 (cinco) entrevistados um senso crítico surgiu mais tardiamente, e para 1 (um), variava de acordo com o programa que estava assistindo.

4) Vamos pegar, por exemplo, o desenho Johnny Bravo, um cara fortão, de topete louro, que fica rodeando mulheres, as perseguindo, jogando um milhão de cantadas durante o decorrer do episódio. A comédia do desenho pautava na ideia de Johnny Bravo perseguir as mulheres durante todo o episódio, e ao final, sempre apanhar, sempre se dar mal. Você acha que há uma ênfase em comportamentos machistas que podem vir a ficar evidente para o telespectador?



A pergunta acima diz respeito ao desenho Johnny Bravo, um dos desenhos clássicos que era televisionado no canal Cartoon Network. O foco do programa era a comédia envolvendo tentativas e falhas de paquera do personagem para com as mulheres, uma diferente a cada episódio. Mas não somente como entretenimento, o desenho possui referências e informações sobre o machismo que possivelmente podem não ter sido notadas pelo público enquanto assistiam ao desenho na época, como o estereótipo de um personagem “machão” que acha que pode ter tudo o que quer, e uma constante perseguição durante todo o episódio, de forma cômica e exagerada representando a insistência masculina à beira do assédio.

Todos os entrevistados demonstraram uma percepção de machismo no desenho animado. 5 (cinco) dentre os 10 (dez) estabeleceram uma conexão com a resposta dada à pergunta anterior, que assistiam ao desenho durante a infância, e que devido à época, não puderam perceber a mensagem que o desenho estava passando, sobre o comportamento narcisista e machista de um homem cercando mulheres em todos os episódios. 1 (um) entrevistado fez uma consideração, que o desenho não mostra apenas uma influência machista, mas também é exposto pelo desenho, uma influência feminista, pelas reações das mulheres em oposição às investidas dos personagens. 1 (um) entrevistado comenta que possivelmente a influência dentro do desenho possa ser passada adiante para a criança para a vida adulta, considerando por exemplo a falta de diálogo dos pais para com os filhos.

5) Se você lê quadrinhos, possui algum super-herói que goste mais? Poderia descrever o que há de especial nesse personagem?

Esta pergunta busca fazer um aprofundamento ao que foi perguntado inicialmente no questionário, sobre o hábito ou possível hábito dos entrevistados de ler histórias em quadrinhos, e se há algum personagem em especial que os mesmos admiram, e o que há nele que os atrai, características físicas, equipamentos, trajes, história, a simbologia que determinado personagem traz. 3 (três) entrevistados não possuem o costume de ler histórias em quadrinhos. 7 (sete) entrevistados possuem o costume de ler, ou já leram histórias em quadrinhos, dentro deste número, 4 (quatro) citaram o personagem Batman, por fatores diversos, desde o caráter estético que o personagem possui, até um maior aprofundamento em sua personalidade, o que ele representa dentro do universo da ficção e qual a influência dele para o mundo real; 1 (um) citou além do Batman, mais dois em sua lista, Wolverine e Deadpool, e estabelece um vínculo dos personagens com o mundo real, onde o Batman e Wolverine representam a forma como os seres humanos podem lidar com os próprios problemas (em torno da história dos personagens, pode ser considerada a questão do trauma), e Deadpool, como a insanidade presente na sociedade, onde o sarcasmo e ironia possam ser válvulas de escape; e 1 (um) entrevistado cita o personagem Capitão América, personagem justo e correto na maioria de suas representações como símbolo patriótico, e o motivo seria a superação que ele representa, de alguém

constantemente subestimado que consegue superar barreiras impostas; 1 (um) entrevistado cita a Mulher-Gato, como representação da força feminina em relação à superação, e ao fato de que consegue resolver os próprios problemas sem a necessidade de um homem intervir. 1 (um) entrevistado cita que o costume de ler histórias em quadrinhos na infância não se dava por histórias em quadrinhos de super-heróis, mas com outra temática, da Turma da Mônica, em que acreditava na época de infância como era por diversão, e com o amadurecimento, percebe a quantidade de informações que o autor tentava aproximar do cotidiano, acreditando que possa ser também um elemento educativo para formação.

6) Nos quadrinhos que você tem o costume de ler, você percebe o protagonismo de personagens gays, negros, mulheres?

Essa pergunta utiliza um gancho para com a pergunta anterior, voltada para a representatividade e protagonismo de personagens que fogem dos padrões comuns de “protagonistas”.

2 (dois) entrevistados afirmaram novamente que não possuem o costume de ler histórias em quadrinhos. Os demais puderam opinar sobre a apresentação de personagens gays, negros, indígenas entre outros, ocupando mais papéis secundários. Um consenso em relação a argumentos é de que essa questão ainda não está tão bem trabalhada como seria o ideal. 1 (um) entrevistado afirma que nunca parou para pensar sobre essas questões por estar mais focado na história; 1 (um) em se tratando de representatividade, aborda os quadrinhos da Turma da Mônica que, segundo ele, possui uma maior versatilidade comparando ao mundo real; 1 (um) entrevistado diz não perceber essa questão devido ao fato de não acompanhar histórias em quadrinhos com frequência, mas que consegue perceber em outros produtos midiáticos, como desenhos animados que vão para a televisão, que segundo o mesmo, está mais evidente.

7) Um conceito que está ganhando força na internet é a “cota Gay” em elenco para filmes e séries. E o suposto conceito remete que deverá existir num elenco ao menos um personagem gay, enquanto todo o resto pode ser heterossexual. O que você acha desta afirmação?

Sobre essa pergunta, sobre a existência de um critério, não foi encontrada nenhuma confirmação oficial, mas que já foi intensamente discutida e até mesmo criticada por internautas, seria a “cota gay” para interpretação no cinema. No que pauta este suposto conceito: para cada novo filme que será lançado e anunciado, no elenco, deverá haver ao menos um personagem homossexual. A justificativa colhida através de comentários de internautas seria em suma, a tentativa de adesão da representatividade por parte dos responsáveis por produções cinematográficas, como afirmação de status. Em outras palavras, há um personagem homossexual, independente de seu protagonismo, então determinado filme é a favor da representatividade.

6 (seis) entrevistados se mostraram contra a existência deste tipo de cota, pois segundo consenso entre os mesmos, a orientação sexual não deveria ser mesclada com o profissionalismo, que para atuar no cinema, tudo depende do talento, esforço e competência que o ator/atriz deve ter para trabalhar. 3 (três) entrevistados viram a existência da cota gay como algo positivo para inserir o homossexual na sétima arte, uma vez que consideram lamentável a falta de protagonismo dos mesmos, embora 1 (um) entrevistado acrescente que a melhor opção seria de fato, fazer a inserção de forma natural.

8) Um cinema nos Estados Unidos cancelou o contrato para exibição do filme "A Bela e a Fera", e o motivo foi que o diretor do cinema não queria passar o filme de classificação ampla com personagem gay. O que você pensa sobre o posicionamento deste diretor?

Com relação a essa pergunta, cuja temática foi o cancelamento de contrato para exibição do filme “A Bela e a Fera”, por um cinema americano, devido ao fato de haver um personagem homossexual no filme. De acordo com a fonte retirada de um post da rede social Facebook, inicialmente originada na página de entretenimento MTV Brasil, no dia 06 de março de 2017, e o link dava acesso ao site de entretenimento “Acidamente Sensível”^{4*}, onde há a declaração sobre o cancelamento. A direção do cinema cancelou o contrato para com a exibição do filme, devido à presença de um personagem homossexual, declarando que não é adequado levar menores de idade para um filme que se trata de uma adaptação de animação, não havia interesse pela presença de personagem homossexual, e utiliza também da questão religiosa como justificativa para fortalecimento de sua decisão. Comentários analisados dentro deste post indicaram um *mix* de opiniões que defendessem a opinião do diretor, e opiniões que condenassem sua ação, entre argumentos válidos conceituando e citando religião e educação e orientação sexual de jovens, até comentários que não escapavam apenas de ofensas.

Todos os 10 (dez) entrevistados responderam em consenso de que foi uma situação, citando um termo que apareceu em grande parte das respostas, retrógrado, pelo fato da direção ter colocado suas crenças e questões pessoais em primeiro lugar, e por ter prejudicado a todos que tinham interesse em ver o filme. E que o fato de haver um personagem homossexual não possuía influência nenhuma no comportamento da criança ou então que fosse influenciar em sua orientação, e ainda assim, que fosse obrigação dos pais poder mediar o que o filho vê ou não, se o conteúdo for impróprio ou não.

9) Você acha que a representatividade étnica e de gênero está sendo representada positivamente para o público através dos desenhos animados e das histórias em

⁴ Disponível em: <http://www.acidamentesensivel.com/2017/03/cinema-americano-cancela-exibicao-de.html>. Acesso em:05/11/2017.

quadrinhos? Ou você acredita que a representatividade está pobre, está com carências, ou então está de certa forma, desrespeitosa?

Essa pergunta foi feita baseada nas questões anteriores, abordando desenhos e histórias em quadrinhos, busca a opinião dos entrevistados no que diz respeito a maior representatividade étnica, sexual, indígena, se está carente ou então está desrespeitosa. Com a carência, a ideia a ser passada é de que apesar de certas mudanças no cenário dos desenhos animados e histórias em quadrinhos, ainda faltam uma ampliação, uma importância, um destaque a ser dado. Com o termo “desrespeitosa”, o trabalho de que certos programas poderiam colocar tais personagens em uma posição “ridícula”, sendo devidamente menor do que os demais.

A descrição desfavorável de personagens de grupos minoritários pode levar à adoção de atitudes raciais negativas em direção a esses grupos por parte das crianças, enquanto retratos positivos de minorias parecem reduzir estereótipos étnicos e raciais e aumentar a probabilidade do estabelecimento de amizades inter étnicas entre as crianças (GRAVES, 1993, apud LIMA et. al., 2014, pág. 91).

1 (um) entrevistados afirma não estar a par deste tipo de conteúdo. 8 (oito) entrevistados, citando tanto a questão de histórias em quadrinhos, quanto em filmes, séries ou até mesmo programas comuns à família como as novelas, acreditam que não há uma um desrespeito com relação à inserção e à representatividade, apesar de não negarem que existe uma certa “estereotipação”, e acreditam que possa ser mais uma questão de carência, falta de protagonismo, e que aguardam tempos de mudança com relação à essa carência. 1 (um) entrevistado remete à questão do contexto ao qual o personagem está inserido, que há maior dependência da história para dar ao personagem sua respectiva importância.

10) Como mostrado na imagem abaixo, surgiu na internet a afirmação que Moana é o primeiro filme da Disney com uma princesa “de cor” (*a princess of color*), que foge do padrão da princesa típica de contos de fadas, branca, loira ou ruiva, de cabelos longos, entre outras características. Para alguns internautas, essa afirmação foi inválida, e de certa forma afrontosa, pois haviam outras animações com princesas como protagonistas que também eram negras (como por exemplo, a protagonista de A princesa e o Sapo), ou então que representassem outras etnias, como indígenas (Pocahontas). Você acha que essa afirmação foi precipitada, foi desrespeitosa?



Sobre essa pergunta, a respeito do filme Moana, e o pré-julgamento de ser o primeiro filme com uma “princesa fora dos padrões” foi uma afirmativa precipitada ou então desrespeitosa. 2 (dois) entrevistados consideraram a informação desrespeitosa, um argumento usado interessante foi o fato de estar claro na imagem “princesa de cor”, como um eufemismo, 7 (sete) entrevistados consideraram a informação precipitada, e 1 (um) entrevistado argumentou concordando com os dois tipos de afirmação. Um consenso que pode ser feito a partir das respostas é baseado nos fatores que foram citados e até mesmo repetidos por alguns entrevistados: falta de informação para montar a afirmativa, o modo como a afirmativa foi escrita, e como a repercussão dessa informação chega na internet, onde atualmente, é constante e comum uma problematização de diversas questões.

11) Vamos analisar o protagonismo da mulher dentro das histórias em quadrinhos, através da princesa Diana de Themyscira, a Mulher Maravilha. Criada em 1941 por William Marston, ela foi a representação da força feminina, além de carregar virtudes que somente mulheres possuíam, e durante o passar dos anos, a personagem foi crescendo, sendo readaptada, se tornando um dos maiores ícones de quadrinhos e símbolo de poder feminino. Mas não somente de momentos gloriosos viveu a heroína. Ao final da Segunda Guerra Mundial, o conceito de heroísmo da personagem decaiu, e a mesma foi reduzida a um papel de secretária da Liga da Justiça, não podendo participar das mesmas aventuras que seus companheiros de equipe Superman e Batman. Quais seus pensamentos em torno dessa desvalorização do protagonismo e esforço de um personagem feminino?



(No quadrinho: “Ele não percebe que o cérebro de uma amazona é treinado para lembrar-se da fala de centenas de pessoas. Mas eles esperam que eu tome nota...”).

Essa pergunta traz para discussão, a desvalorização feminina, uma questão de cunho real, trabalhada dentro de um meio midiático, em um contexto fictício, com o exemplo da Mulher-Maravilha como secretária. Considerando o que foi explanado anteriormente sobre a indústria de quadrinhos ser um meio de comunicação que apesar de abranger a questão da mulher no poder, na luta pelos direitos, ainda são perceptíveis traços de que a indústria ainda não abandonou certos padrões “machistas”. Ainda são perceptíveis, assim como outros meios midiáticos, que há produção de homens para homens.

A principal fórmula que a indústria cultural usa para representar a figura feminina é através de estereótipos. A imagem das personagens é reduzida quase sempre a meros clichês, são raríssimos os casos onde a figura feminina consegue ganhar uma história que não envolva um homem de forma direta ou indireta (RODRIGUES et. al., 2015, pág. 3).

Trabalhada durante a questão, obtemos a discussão sobre a perda do protagonismo da heroína após os eventos ocorridos na Segunda Guerra Mundial. Rodrigues e colaboradores (2015) explicam que tal fato possui nome, *plot device*, e é um meio de inserção de acontecimentos que são capazes de tocar uma história adiante, quando a mesma trava em um determinado ponto. Este recurso explica o quão deplorável seriam os rumos que uma personagem feminina toma, ao ser vitimizada e se tornar facilmente descartável nas histórias em quadrinhos, sendo apenas mais um peso a mais na história do protagonista.

Todos os entrevistados apresentaram um consenso no que se refere a contexto, em que a desvalorização não é um mito, ocorre não só na representação midiática, mas também no mundo contemporâneo, e que a luta pelo reconhecimento, igualdade, é crescente e é válida. Em um

determinado ponto, há certas assertivas citadas por alguns que vão para dois vieses. O primeiro, citado por 2 (dois) entrevistados, atualmente a situação não mudou, os mesmos padrões de maior valorização pelo papel do homem e da mulher continuam inalterados. E 2 (dois) entrevistados consideram que há sim conquistas, há sim expansão e domínio da luta pela igualdade, que o panorama tradicional no que se refere à valorização da luta feminina está mudando para melhor.

PAIS:

1) Você tem filhos (as)? Quantos? Qual é a idade de cada um?

Sobre essa pergunta, todos os candidatos possuem filhos, com média de 1 (um) a 2 (dois) filhos, com faixa etária de 2 a 17 anos de idade. 1 (um) entrevistado tem um filho de 11 meses de idade; 1 (um) entrevistado tem 2 (dois) filhos maiores de idade, um com 25 (vinte e cinco) e outro com 27 (vinte e sete) anos de idade.

2) Você tem o costume de ir ao cinema ou assistir televisão com seu filho/sua filha?

Sobre essa pergunta, se os pais possuem o costume de ir ao cinema ou então, possuem o costume de assistir televisão com seus filhos. 8 (oito) pais confirmam o hábito de realizarem ambas as atividades com os filhos, embora, 1 (um) entrevistado o faça com menos frequência. 1 (um) entrevistado diz que devido à idade de seu filho, ainda não frequenta o cinema com o mesmo, e que apesar de colocar a televisão mais à noite, faz maior uso do Youtube com o conteúdo que o filho prefere.

3) O (a) mesmo (a) possui algum programa/filme/personagem favorito?

Uma vez tendo o respaldo de que os entrevistados assistem à televisão ou vão ao cinema com os filhos, a pergunta está voltada aos gostos destes. Se os filhos possuem alguma série, filme ou então algum personagem favorito. 3 (três) entrevistados afirmaram que os filhos não possuem nenhum dos itens anteriores de preferência. 6 (seis) entrevistados afirmam que seus filhos possuem programação e personagens de preferência. Entretanto, 1(um) entrevistado não especificou quais seriam as preferências dos filhos. Os 5 (cinco) demais entrevistados nomearam uma, até duas preferências de programas, filmes e personagens de seus filhos.

4) Você acha que há uma boa representação étnica na mídia ou você acha que falta uma maior representatividade como mais personagens negros, indígenas, orientais...?

Com relação a essa pergunta, sobre a representação étnica dentro de programas, séries, filmes, e afins, se percebem que não há apenas um “protagonismo padrão” (masculino, branco, musculoso). 1 (um) entrevistado responde que não está a par deste assunto, e 8 (oito)

entrevistados respondem que acreditam que a representação está presente, mas que para a mídia, está em um processo lento de crescimento desta representatividade na programação que os mesmos ou então que os filhos acompanham, que existe uma carência presente nesta questão.

5) E quanto à representatividade da diversidade como homossexuais, mulheres na ativa, você acredita que ela está sendo apresentada positivamente para o público infantil?

Sobre essa pergunta, sobre a representatividade de homossexuais e personagens femininas na ativa voltada para programas de público juvenil, 2 (dois) entrevistados acreditam que a representação está sendo positiva, em oposição a 5 (cinco) respostas de entrevistados que acreditam que ainda não há uma representação digna, que há carências no trabalho desta representatividade. 1 (um) entrevistado ressalta que não percebe este tipo de conteúdo, colocando em evidência que seu filho não acompanha o conteúdo atual da mídia; 1 (um) entrevistado argumenta que se a representatividade é positiva ou então negativa, é necessário diálogo e consenso para trabalhar tal questão.

6) Como você se sente com a presença de uma quantidade crescente de personagens homossexuais como protagonistas nos produtos midiáticos e não apenas ocupando papéis secundários?

Com relação a essa pergunta, em relação a protagonismo de personagens homossexuais, e com isso, 1 (um) entrevistado preferiu não se ater à questão, enquanto os demais entrevistados (8 – oito) expressam respostas positivas com relação ao crescimento deste tipo de protagonismo, embora não neguem não conseguirem acompanhar todos os novos produtos midiáticos que estão sendo lançados. 1 (um) entrevistado ressalta que seria melhor trabalhar a questão da diversidade sexual, pois trata de um conteúdo ainda difícil de aparecer por completo na mídia.

7) Como você reagiria se seu filho/ sua filha lesse uma HQ ou visse um desenho animado em que um personagem protagonista é gay?

Essa pergunta tem o intuito de conhecimento se os entrevistados teriam alguma reação, positiva, negativa ou então outra, caso os filhos lessem uma história em quadrinhos cujo personagem principal fosse gay. 7 (sete) entrevistados afirmam que agiriam com naturalidade, considerando que a importância do personagem está voltada para suas ações, e não sua orientação, opções sexuais. 2 (dois) entrevistados, ressaltaram que caso houvessem dúvidas por parte dos filhos, tentariam esclarecer as dúvidas da melhor forma possível.

8) Qual seria sua reação se seu filho/a gostasse de algum desenho animado em que as protagonistas são mulheres?

Resgatando a intenção da pergunta anterior, essa pergunta está voltada a conhecer a possível ou não reação dos entrevistados se os filhos gostassem de um desenho animado cuja mulher

ocupasse o papel de heroína principal. Os 9 (nove) entrevistados deixam claro que não haveria nenhuma reação negativa quanto a esta situação, que agiriam com naturalidade, que seria uma situação normal como qualquer outra. 3 (três) deles ressaltando que os filhos já possuem este costume, e 2 (dois) entrevistados fazem elogios em suas respostas, 1 (um) entrevistado ressaltando a importância do crescimento do movimento feminista.

9) No desenho das meninas super-poderosas, um dos principais antagonistas, ELE, era uma representação de um grande vilão transexual. Se você assistiu ao desenho, você se sentiu desconfortável de alguma forma?



Usando imagem e as perguntas anteriores como embasamento, essa pergunta está voltada aos sentimentos dos entrevistados sobre o personagem transgênero (vide correção, devido à forma como o personagem se veste, como se comporta), se sentiriam algum tipo de desconforto por causa do personagem em “As Meninas Super-Poderosas”. 4 (quatro) entrevistados afirmam nunca ter assistido ao desenho animado, portanto, não dissertaram a respeito. 5 (cinco) entrevistados deixam claro que assistiram ao desenho, e que não se sentiram desconfortáveis com o personagem, 1(um) entrevistado afirma nunca ter prestado atenção nas vestimentas do personagem ou jeito, sempre levando em mente de que se tratava apenas de um vilão. E 1 (um) entrevistado, deixa claro que considera o personagem divertido.

10) Nas brincadeiras de seus filhos, você percebe ele/ela tentando imitar o personagem, como por exemplo, o modo de se vestir, o comportamento do mesmo, entonação de voz, ações como correr, dialogar, entre outros?

Essa pergunta diz respeito à percepção dos entrevistados com relação às brincadeiras dos filhos, se os mesmos se comportam/gesticulam como os personagens de desenhos animados. Segundo

Esperança e Dias (2006), crianças naturalmente possuem o costume de reproduzir ou então criar as próprias narrativas, imitando seus heróis (heroínas), até mesmo o tom de voz dos respectivos personagens.

Através da fantasia, as crianças reproduzem ações de personagens de desenhos animados e de filmes infantis, constatação que evidencia a influência dos materiais televisivos sobre o imaginário das crianças (ESPERANÇA & DIAS, 2006, pág.4).

1 (um) entrevistado ressalta que o filho não imita os personagens ou então gesticula, ou acompanha ao pé da letra alguma música de seu programa favorito devido à idade. Quanto aos demais, 8 (oito) entrevistados ressaltam que os filhos, desde os que já estão na fase da adolescência quanto na vida adulta, já tiveram esse momento, de imitar, de trazer para o real aquilo que viam em seus programas favoritos, desde o comportamento do personagem, ao bordão, e até mesmo alguma música que o programa possuía.

11) Há algum desenho animado/filme/canal do youtube que você considera mais "adequado" para suas crianças? Por quê?

Sobre essa pergunta, sobre a recomendação segundo opinião dos próprios entrevistados, de algum canal, programa ou conteúdo que seja “adequado” para os filhos, considerando a idade de cada um. Para 1 (um) entrevistado, que afirma não ter mais filhos menores de idade, esclareceu não poder contribuir para a recomendação. Para 4 (quatro) entrevistados, houveram recomendações para com programação infantil, com nomes que foram citados mais de uma vez como “Palavra Cantada”, sendo que 1 (um) entrevistado, recomenda desenhos animados que por exemplo, contribuem para o ensinamento de respeito ao próximo. Para 1 (um) entrevistado, seria ideal a recomendação de programas que estimulassem o pensamento crítico. Os demais entrevistados, afirmam que, o acesso de conteúdo varia de acordo com a questão que o programa, canal, aborde e trabalhe, exceto para aqueles cujo conteúdo volta mais para uma representação mais explícita de violência.

12) Você considera que há um horário na TV aberta mais adequado para seus filhos assistirem à programação?

Essa pergunta busca considerações dos entrevistados, no que diz respeito à programação e horários adequados para os filhos com relação à TV aberta. Retornando ao que foi dito por Gomide (2002), a respeito da preocupação ressaltada dos pesquisadores acerca do conteúdo que os jovens estão tendo acesso. No caso da televisão aberta, qual programa estaria em determinado horário, e se realmente é adequado para o consumo dos filhos.

2 (dois) entrevistados afirmam não assistir à TV aberta. 1 (um) entrevistado afirma não acompanhar a TV aberta, devido à idade, e prefere não opinar. 1 (um) entrevistado acredita não haver programação ou horário adequado para o público infantil, complementando que assiste muito pouco à programação da televisão aberta. 4 (quatro) entrevistados argumentam que possuem o horário da manhã, para deixar os filhos assistindo à televisão aberta, entretanto, 1 (um) entrevistado afirma que dificilmente encontra um programa que seja adequado dentro da TV aberta, mesmo com a permissão e consentimento de poder assistir à TV aberta.

13) Você geralmente acompanha o que seu filho vê na mídia? Você estabelece um controle mais rígido ou há uma maior flexibilidade?

Sobre essa pergunta, relacionada ao controle do conteúdo que os filhos têm acesso em geral, e se há uma mediação, mais flexível, ou então mais rígida. Esta questão retoma as questões trazidas por Gomide (2002), assim como trabalha também um conflito citado por ela, a respeito da não compreensão por parte dos adultos, de que não há diferença do conteúdo que os mesmos acessam e que os filhos também possuem acesso.

Se não há diferença entre estes conteúdos, então não haveria preocupação de acesso aos conteúdos com censura restrita (+18 anos, segundo a classificação indicativa comum – R-Rated – para maiores, segundo classificação estrangeira) por menores de idade?

Todos os 9 (nove) entrevistados confirmam estar à par do que seus filhos têm acesso, ao tipo de conteúdo, 3 (três) entrevistados afirmam possuir um controle mais flexível, enquanto 1 (um) entrevistado confirma fazer uso de um controle mais rígido de programação e afins. Os demais assumiram possuir o controle do conteúdo, não esclarecendo o tipo.

14) Vocês têm o costume de assistir ao desenho "Os Simpsons" com suas crianças? Se sim, geralmente ocorre uma discussão, algum comentário por parte de seu filho (sua filha) a respeito do episódio?



Utilizando como exemplo imagético, um programa de televisão, essa pergunta está voltada inicialmente a descobrir o possível ou não hábito dos entrevistados de assistir ao desenho “Os Simpsons” e se seus filhos também possuem o hábito de acompanhar. E considerando o fato de que o desenho animado, um dos mais populares da atualidade, não só recheado de referências e ideias cinematográficas e de outros programas, se tornou uma ferramenta poderosa de crítica e paródia da realidade social, regional, nacional e internacional, se o hábito for confirmado, se os filhos geralmente comentaram algo a respeito do desenho, ou então episódio que já assistiram ocasionalmente. 3 (três) entrevistados explicitaram não ter o costume de assistir ao desenho. 6 (seis) entrevistados explicitaram assistir ao desenho, 2 (dois) deixaram claro que os filhos não expiraram nenhuma opinião crítica acerca do desenho, 2 (dois) entrevistados afirmam que os filhos não possuem idade para assistir a esse desenho, que não é adequado. 2 (dois) entrevistados fazem elogio à personagem Liza, filha do meio da família Simpsons, extremamente inteligente, perspicaz, dedicada.

15) Em um episódio de Tom e Jerry com a temática de faroeste, houve um momento em que os personagens estariam fumando cigarros e trocando tiros. Em outro episódio com a temática de depressão, vemos os dois personagens esperando sentados na linha de um trem. Como você se sentiria se ambos os episódios passassem em sua televisão e seu filho os assistisse?



Essa pergunta é referente a dois episódios do desenho Tom & Jerry, em episódios distintos, mas com temáticas sociais que de certo modo, em complementação à algumas informações passadas no questionário anterior, estavam inseridas de modo implícito, como forma de detalhe para a imagem ou contexto (em desenhos animados, geralmente ambos são caricatos) ou então plano de fundo, e que devido à época, idade, e até mesmo inocência e ingenuidade dos telespectadores, elas podem não ter recebido atenção. São elas: Uso de drogas e o Suicídio com o plano de fundo da depressão. A pergunta está voltada à reação dos pais reagiriam mediante a interpretação dos filhos com relação a esses episódios, e a essas questões. 2 (dois) entrevistados afirmam que não se sentiriam incomodados com tal desenho. 7 (sete) julgariam como se esses dois episódios não fossem deveras adequados para o público infantil, tendo conhecimento

acerca do desenho, embora 1 (um) entrevistado afirme que não vê esse desenho e esses episódios particularmente como um objeto que vá causar algum dano emocional irreparável no jovem. 1 (um) entrevistado admite não ser a favor do “tipo” do desenho animado, e que possivelmente, não seria capaz de lidar caso houvessem dúvidas dos filhos com relação a essas questões (drogas, depressão e suicídio), ao contrário 3 (três) entrevistados que se sentiriam na obrigação e dever de conciliar o que é correto na realidade, e 1 (um) entrevistado afirma que essas questões devem ser trabalhadas desde a infância.

16) Como mostrado na imagem abaixo, surgiu na internet a afirmação que Moana é o primeiro filme da Disney com uma princesa “de cor” (*a princess of color*), que foge do padrão da princesa típica de contos de fadas, branca, loira ou ruiva, de cabelos longos, entre outras características. Para alguns internautas, essa afirmação foi inválida, e de certa forma afrontosa, pois havia outras animações sobre princesas como protagonistas de animações que também eram negras (como por exemplo, a protagonista de *A princesa e o Sapo*), ou então que representassem outras etnias, como indígenas (*Pocahontas*). Você acha que essa afirmação foi precipitada, foi desrespeitosa?



Essa pergunta diz a respeito do filme *Moana*, e o pré-julgamento de ser o primeiro filme com uma “princesa fora dos padrões” foi uma afirmativa precipitada ou então desrespeitosa. O contexto desta segue o mesmo que fora anteriormente aplicado no questionário universitário 1 (um) entrevistado deixa claro não posicionar por não conhecer os personagens. 1 (um) entrevistado acredita que tal informação trata de uma forma de divulgação do filme, assim como 6 (seis) entrevistados consideraram a informação dada como apenas precipitada, sendo que 1 (um) entrevistado deixa claro que também considera a informação desrespeitosa. 2 (dois) entrevistados consideraram a informação não verdadeira, como por puro sensacionalismo, e 1 (um) entrevistado entrega uma expressão de sobre a facilidade que as notícias atualmente

quando postadas na internet podem ser mal interpretadas, e então, causar brigas e discussões desnecessárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os tempos passam por mudanças e com eles, a sociedade também muda. Comumente, cultura, valores, ética, costumes, e os próprios sujeitos inseridos estão propensos a sofrerem adaptações, evoluções. Entretanto, nem sempre todos os velhos costumes, regras, padrões, ou até mesmo problemas, tendem a desaparecer completamente. Ainda há um longo caminho a ser percorrido para que influências e referências de domínio machista, racista, violento percam a força dentro da sociedade, dos diversos formatos pelos quais as mesmas ainda são presentes, dentro de casa, no trabalho, na escola, no meio social de lazer, e pelos meios midiáticos, através do cinema, televisão, desenhos, séries, filmes, internet, revistas, entre outros.

Não se pode afirmar que todos os componentes da sociedade podem ou então vão mudar suas visões de mundo, crenças, ideologias e afins. Não se sabe do próximo, as percepções que possui para com a realidade, que pode ser sim, distinta dos demais sujeitos, ou públicos. Mas ao contrário do que é pensado, de que pensamentos diferentes podem causar discórdia, não é assim que funciona. Cada realidade pode contribuir para com a resolução das questões sociais, para a discussão sobre machismo, feminismo, racismo, entre outras, e como ela está sendo repassada para a sociedade, através de casa, da escola, do local de trabalho, e pela mídia.

É no vivenciar cotidiano das experiências pessoa-a-pessoa-ambiente, experienciando um processo educativo, expressando comportamentos e características individuais, interpretando a própria história cultural, autodeterminando-se, exercendo seus direitos e seus deveres, buscando a própria auto-realização, contribuindo com as questões de definição sóciopolítico e cultural da comunidade, delineando a ética social vigente, que o indivíduo se coloca como cidadão (RODRIGUES et.al, 2000, pág.45).

Por parte do público universitário pôde ser percebido um maior senso crítico em relação ao que está sendo passado na mídia, usando as comparações que foram possíveis dentro dos questionários, sobre a mudança dos produtos midiáticos do “antes” para o “agora”, conteúdo trabalhado e distribuído pela mídia tanto de época quanto atual. Tanto críticas, quanto indagações, quanto indignações indicam pontos em que a mídia acerta e falha quando se trata de levar a representatividade a público, o sensacionalismo que pode ser criado, juntamente com as falácias. Os entrevistados, universitários, que presenciaram e consumiram tanto da geração anterior como a atual, está ciente das mudanças positivas e negativas que ocorrem em sociedade e o que é exposto midiaticamente, e possuem uma voz para demonstrar que estão satisfeitos ou não com o que é apresentado.

Por parte do público de pais, em relação a senso crítico, além de exporem os cuidados que os mesmos têm em relação ao que os filhos veem, houve algo a ser dito acerca das

mudanças de panorama e contexto dentro dos produtos midiáticos de “antes” e do “agora”, sobre machismo, feminismo, racismo, entre outras questões a serem colocadas em pauta, como a depressão, uso de drogas. Pontuaram como tais questões devem ser abordadas em casa e nas escolas, e como o diálogo é algo fundamental para a formação dos filhos, para a vida dos mesmos futuramente. E pôde ser percebida grande receptividade às mudanças no panorama midiático, em relação às questões sociais, mudanças de protagonismos, mudanças de contextos, grande parte do público de pais se mostrou otimista à representatividade, à forma como está sendo abordada e trabalhada, e concorda que eram mudanças que há muito tempo deveriam ser feitas.

REFERÊNCIAS:

ALENCAR, Gersica Agripino; MOURA, Murilo Rebouças; BITENCOURT, Ricardo Barbosa. Facebook como Plataforma de Ensino/Aprendizagem: o que dizem os Professores e Alunos do IF Sertão-PE. **Educação, Formação & Tecnologias-ISSN 1646-933X**, v. 6, n. 1, p. 86-93, 2013.

ALEXANDRE, Marcos. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, v. 6, n. 17, p. 111-125, 2001.

BARBOSA, Raquel Firmino Magalhães; GOMES, Cleomar Ferreira. A orientação estética dos desenhos animados: os super heróis em ação. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 9, n. 19, p. 144-161, 2012.

BARROS, Samuel; CARREIRO, Rodrigo. A discussão pública e as redes sociais online: o comentário de notícias no Facebook. **Fronteiras-estudos midiáticos**, v. 17, n. 2, p. 174-185, 2015.

BEIRAS, Adriano et al. Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, n. 3, p. 62-67, 2007.

CHACON, Beatriz da Costa Pan; DA COSTA, Beatriz. Mulher-Maravilha: Estudo sobre a representação da mulher e do feminino nas histórias em quadrinhos. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**, v. 25, 2009.

CODATO, Henrique. Cinema e representações sociais: alguns diálogos possíveis. **Verso e Reverso**, v. 24, n. 55, p. 47-56, 2010.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. Estudos culturais, educação e pedagogia. **Revista brasileira de educação**, n. 23, p. 36-61, 2003.

DA COSTA, Rodney Querino Ferreira. As representações sociais transmitidas nas histórias em quadrinhos de super-heróis. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n. 2, p. 43-54, 2011.

DO CARMO DALBETO, Lucas; OLIVEIRA, Ana Paula. Reflexos do imaginário social na representação do homossexual nas histórias em quadrinhos. **Nona Arte: Revista Brasileira de Pesquisas em Histórias em Quadrinhos**, v. 3, n. 1, p. 59-72, 2014.

ESPERANÇA, Joice Araújo; DIAS, Cleuza Maria Sobral. Mídia televisiva e culturas das infâncias: entretenimento e propaganda transformando as concepções e os modos de ser criança. 2006.

GOMIDE, Paula Inez Cunha. Crianças e adolescentes em frente à TV: o que e quanto assistem de televisão. **Psicologia argumento**, v. 19, n. 30, p. 17-28, 2002.

GOMIDE, Paula Inez Cunha; SPERANCETTA, Andressa. O efeito de um filme de abuso sexual no comportamento agressivo das adolescentes. **Interação em Psicologia**, v. 6, n. 1, 2002.

JUNIOR, Amaro Xavier Braga. A ambientação de personagens negros na Marvel Comics: Periferia, vilania e relações inter-raciais. **identidade!** v. 18, n. 1, p. 3-20, 2013.

LOPES, Romildo Sergio. Representação da identidade negra nas histórias em quadrinhos. In: **Anais. XVII congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Ouro Preto**. 2012. p. 115.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da informação**, v. 30, n. 1, p. 71-81, 2001.

MOREIRA, Alberto DA Silva. Cultura midiática e educação infantil. **Educ. Soc**, v. 24, n. 85, p. 1203-1235, 2003.

NOGUEIRA, Natania A. Silva. Representações femininas nas histórias em quadrinhos da EBAL. **História, imagem e narrativas**, v. 10, 2010.

RODRIGUES, Maria Socorro Pereira; SOBRINHO, Elísio Holanda Guedes; DA SILVA, Raimunda Magalhães. A família e sua importância na formação do cidadão. **Família, Saúde e Desenvolvimento**, v. 2, n. 2, 2000.

SANTANA, Paulo Henrique Basilio; RODRIGUES, Rodrigo Siqueira. O Negro no Oscar 2017: uma análise sobre representatividade nos filmes Fences e Moonlight¹. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Volta Redonda – RJ – 22 a 24/06/2017.

SZEZECINSKI, Ana Caroline; DE ALMEIDA, Gabriela Machado Ramos. A cultura da mídia como espaço de disputa por diversidade e representações positivas: o apelo feminista das séries Supergirl e Agente Carter. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Volta Redonda – RJ – 22 a 24/06/2017.

VANDERLEI WESCHENFELDER, Gelson; COLLING, Ana. AS SUPER-HEROÍNAS DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS E AS RELAÇÕES DE GÊNERO. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 15, n. 2, 2011.

VERGUEIRO, Waldomiro. A atualidade das histórias em quadrinhos no Brasil: a busca de um novo público. **História, imagem e narrativas**, v. 3, n. 5, p. 1-20, 2007.

VIEIRA, Marcos Fábio. Mito e herói na contemporaneidade: as histórias em quadrinhos como instrumento de crítica social. **Contemporânea (Título não-corrente)**, v. 5, n. 1, p. 78-90, 2007.

WESCHENFELDER, Gelson Vanderlei. Direitos e cidadania e os Super-Heróis. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 16, n. 1, p. p. 19-27, 2011.

WORTMANN, M. L. C.; COSTA, Marisa Vorraber ; RIPOLL, D. ; BONIN, Iara Tatiana . Dossiê Estudos Culturais em Educação. **Revista Educação** (PUCRS. Online), v. 38, p. 11-95, 2015.

Links:

CINEMA AMERICANO CANCELA EXIBIÇÃO DE “A BELA E A FERA” POR CAUSA DE PERSONAGEM GAY – Por Djenifer Dias; **Acidamente Sensível – MTV**; postado no dia: 4 de março de

2017. Disponível em: <http://www.acidamentesensivel.com/2017/03/cinema-americano-cancela-exibicao-de.html>. Acesso em: 20/10/2017.

Cultura Midiática – Por Arnaldo Niskier; **Academia Brasileira de Letras**; postado no dia: 2 de Setembro de 2006. Disponível em: <http://www.academia.org.br/artigos/cultura-midiatica>. Acesso em: 22/11/2017.

Nova Cultura: Midiática – Por Anna Claudya; postado na data: 12 de Junho de 2012. Disponível em: <http://educacaoemdias.blogspot.com.br/2012/06/nova-cultura-midiatica.html>. Acesso em: 22/11/2017.

X-MEN: APOCALIPSE – OUTDOOR DO FILME CAUSA POLÊMICA ENTRE AS FEMINISTAS – Publicação em: 02 de Junho de 2016. Disponível em: <http://legiaodosherois.uol.com.br/2016/x-men-apocalipse-outdoor-do-filme-causa-polemica-entre-as-feministas.html>. Acesso em: 16/09/2016.

X-MEN: APOCALIPSE – FOX PEDE DESCULPAS POR POLÊMICA ENVOLVENDO OUTDOOR DO FILME – Publicação em: 03 de Junho de 2016. Disponível em: <http://legiaodosherois.uol.com.br/2016/x-men-apocalipse-fox-pede-desculpas-por-polemica-envolvendo-outdoor-filme.html>. Acesso em: 16/09/2016.

ANEXO 1:

Questionário voltado para o público universitário:

- Você possui o costume de ler histórias em quadrinhos? Possui algum desenho animado favorito? Algum filme favorito? De qual gênero de filme você mais gosta? Possui algum seriado favorito?
- Vamos supor que houvesse um desenho que você via em uma determinada época, e com o tempo, parou de assisti-lo. E agora, você retorna a vê-lo. Você sentiria alguma sensação diferente ao lembrá-lo?
- Na época em que assistia aos seus programas, você o fazia apenas por diversão, ou possuía alguma opinião ou crítica em torno do conteúdo?
- Vamos pegar, por exemplo, o desenho Johnny Bravo, um cara fortão, de topete louro, que fica rodeando mulheres, as perseguindo, jogando um milhão de cantadas durante o decorrer do episódio. A comédia do desenho pautava na ideia de Johnny Bravo perseguir as mulheres durante todo o episódio, e ao final, sempre apanhar, sempre se dar mal. Você acha que há uma ênfase em comportamentos machistas que podem vir a ficar evidente para o telespectador?



- Se você lê quadrinhos, possui algum super-herói que goste mais? Poderia descrever o que há de especial nesse personagem?
- Nos quadrinhos que você tem o costume de ler, você percebe o protagonismo de personagens gays, negros, mulheres?

•Um conceito que está ganhando força na internet é a “cota Gay” em elenco para filmes e séries. E o suposto conceito remete que deverá existir num elenco ao menos um personagem gay, enquanto todo o resto pode ser heterossexual. O que você acha desta afirmação?

•Um cinema nos Estados Unidos cancelou o contrato para exibição do filme "A Bela e a Fera", e o motivo foi que o diretor do cinema não queria passar o filme de classificação ampla com personagem gay. O que você pensa sobre o posicionamento deste diretor?

•Você acha que a representatividade étnica e de gênero está sendo representada positivamente para o público através dos desenhos animados e das histórias em quadrinhos? Ou você acredita que a representatividade está pobre, está com carências, ou então está de certa forma, desrespeitosa?

•Como mostrado na imagem abaixo, afirmaram que Moana é o primeiro filme da Disney com uma princesa “de cor” (*a princess of color*), que foge do padrão da princesa típica de contos de fadas, branca, loira ou ruiva, de cabelos longos, entre outras características. Para alguns internautas, essa afirmação foi inválida, e de certa forma afrontosa, pois haviam outras animações com princesas como protagonistas que também eram negras (como por exemplo, a protagonista de A princesa e o Sapo), ou então que representassem outras etnias, como indígenas (Pocahontas). Você acha que essa afirmação foi precipitada, foi desrespeitosa?



•Vamos analisar o protagonismo da mulher dentro das histórias em quadrinhos, através da princesa Diana de Themyscira, a Mulher Maravilha. Criada em 1941 por William Marston, ela foi a representação da força feminina, além de carregar virtudes que somente mulheres possuíam, e durante o passar dos anos, a personagem foi crescendo, sendo readaptada, se tornando um dos maiores ícones de quadrinhos e símbolo de poder feminino. Mas não somente de momentos gloriosos viveu a heroína. Ao final da Segunda Guerra Mundial, o conceito de heroísmo da personagem decaiu, e a mesma foi reduzida a um papel de secretária da Liga da Justiça, não podendo participar das mesmas aventuras que seus companheiros de equipe

Superman e Batman. Quais seus pensamentos em torno dessa desvalorização do protagonismo e esforço de um personagem feminino?



(No quadrinho: “Ele não percebe que o cérebro de uma amazona é treinado para lembrar-se da fala de centenas de pessoas. Mas eles esperam que eu tome nota...”).

Referências das imagens:

- *Quatro imagens representando o desenho Johnny Bravo, pesquisadas e retiradas do Google Imagens. A primeira está disponível em: hannabarberashowparte2.blogspot.com; a segunda e a terceira estão disponíveis em: bibliotecadecartoons.com.br; e a quarta imagem está disponível em: <http://virgula.uol.com.br/album/musica/crossover-entre-desenhos-e-letras-de-musicas/#img=1&galleryId=890997>. Acesso em 22/05/2017.*
- *Imagem de Diana de Themyscira, a Mulher Maravilha em roupas de secretária. Imagem da Mulher Maravilha como secretária foi retirada do Google Imagens, disponível em: <http://cityliteral.tumblr.com/post/74612247647/superdames-that-secretary-job-may-have-been-a>. Acesso em: 22/05/2017.*
- *Imagem referente à questão do filme de animação “Moana”. A imagem foi retirada do Google Imagens, e está disponível no seguinte endereço: <https://uk.pinterest.com/pin/306244843396364432/>. Acesso em: 22/05/2017.*

ANEXO 2:

Questionário voltado para os pais:

- Você tem filhos (as)? Quantos? Qual é a idade de cada um?
- Você tem o costume de ir ao cinema ou assistir televisão com seu filho/sua filha?
- O (a) mesmo (a) possui algum programa/filme/personagem favorito?
- Você acha que há uma boa representação étnica na mídia ou você acha que falta uma maior representatividade como mais personagens negros, indígenas, orientais...?
- E quanto à representatividade da diversidade como homossexuais, mulheres na ativa, você acredita que ela está sendo apresentada positivamente para o público infantil?
- Como você se sente com a presença de uma quantidade crescente de personagens homossexuais como protagonistas nos produtos midiáticos e não apenas ocupando papéis secundários?
- Como você reagiria se seu filho/ sua filha lê-se uma HQ ou visse um desenho animado em que um personagem protagonista é gay?
- Qual seria sua reação se seu filho/a gostasse de algum desenho animado em que as protagonistas são mulheres?
- No desenho das meninas Super-Poderosas, um dos principais antagonistas, ELE, era uma representação de um grande vilão transexual. Se você assistiu ao desenho, você se sentiu desconfortável de alguma forma?



- Nas brincadeiras de seus filhos, você percebe ele/ela tentando imitar o personagem, como por exemplo, o modo de se vestir, o comportamento do mesmo, entonação de voz, ações como correr, dialogar, entre outros?
- Há algum desenho animado/filme/canal do youtube que você considera mais "adequado" para suas crianças? Por quê?
- Você considera que há um horário na TV aberta mais adequado para seus filhos assistirem à programação?
- Você geralmente acompanha o que seu filho vê na mídia? Você estabelece um controle mais rígido ou há uma maior flexibilidade?
- Vocês têm o costume de assistir ao desenho "Os Simpsons" com suas crianças? Se sim, geralmente ocorre uma discussão, algum comentário por parte de seu filho (sua filha) a respeito do episódio?



- Em um episódio de Tom e Jerry com a temática de faroeste, houve um momento em que os personagens estariam fumando cigarros e trocando tiros. Em outro episódio com a temática de depressão, vemos os dois personagens esperando sentados na linha de um trem. Como você se sentiria se ambos os episódios passassem em sua televisão e seu filho os assistisse?



• Como mostrado na imagem abaixo, afirmaram que Moana é o primeiro filme da Disney com uma princesa “de cor” (*a princess of color*), que foge do padrão da princesa típica de contos de fadas, branca, loira ou ruiva, de cabelos longos, entre outras características. Para alguns internautas, essa afirmação foi inválida, e de certa forma afrontosa, pois havia outras animações sobre princesas como protagonistas de animações que também eram negras (como por exemplo, a protagonista de *A Princesa e o Sapo*), ou então que representassem outras etnias, como indígenas (*Pocahontas*). Você acha que essa afirmação foi precipitada, foi desrespeitosa?



Referências das imagens:

- Imagem de “Ele” do desenho “As Meninas Super Poderosas”, retirada do Google Imagens. O link para página da imagem: <http://pt-br.powerpuff.wikia.com/wiki/Ele>. Acesso em 22/05/2017.
- Imagens do desenho os Simpsons retirada do Google Imagens. A imagem referenciando a santa ceia está disponível em: jailsonrp.wordpress.com; A imagem referenciando o filme *Laranja Mecânica*, está disponível em: br.pinterest.com; A imagem de *Comichão e Coçadinha* está disponível em: pt.simpsons.wikia.com. Acesso em: 22/05/2017.
- Imagens do desenho *Tom & Jerry*, retiradas do Google Imagens. Seguem os respectivos links para acesso: *Tom & Jerry cowboy* – Youtube: *Tom – The biggest stud on earth*. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=NxSdA0oWkuU>. Tom & Jerry suicídio – Pesquisa retirada do Google Imagens. Curta de Tom & Jerry mostra provável suicídio dos dois. Disponível em: grandesresponsabilidades.blogspot.com. Acesso em 22/05/2017.

- *Imagem referente à questão do filme de animação “Moana”. A imagem foi retirada do Google Imagens, e está disponível no seguinte endereço: <https://uk.pinterest.com/pin/306244843396364432/>. Acesso em: 22/05/2017.*

ANEXO 3:

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Biologia
Curso de Ciências Biológicas, Modalidade de Licenciatura
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Lucas Artiaga Pfeifer Oliveira, graduando do curso de Ciências Biológicas do Instituto de Biologia, da Universidade Federal de Uberlândia, com a respectiva matrícula 11411BIO044, sob orientação da professora doutora Daniela Franco Carvalho, por meio deste, solicito a participação de universitários para a realização de uma pesquisa através de questionário, sob a forma de entrevista, com uso de gravações feitas com o entrevistado presente, ou através de áudio enviado para o organizador deste trabalho. As respostas serão transcritas e irão compor o Trabalho de Conclusão de Curso do orientando. A pesquisa gira em torno das influências do conteúdo contemporâneo presente nas histórias em quadrinhos, desenhos animados, filmes, e afins para a infância. Através deste termo de compromisso e confidencialidade, declaro que as informações pessoais dos entrevistados não serão expostas no trabalho, como forma de respeito à privacidade dos mesmos.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Lucas Artiaga Pfeifer Oliveira – F: (34) 992693220

Demais pesquisadores: Daniela Franco Carvalho – F: (34) 9916828226

Instituto de Biologia (INBIO) – Universidade Federal de Uberlândia – Rua Ceará s/n – Bloco 2D – Sala 23 – Umuarama – Uberlândia – CEP: 38405-315

ANEXO 4:

Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de Biologia
Curso de Ciências Biológicas, Modalidade de Licenciatura
Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Lucas Artiaga Pfeifer Oliveira, graduando do curso de Ciências Biológicas do Instituto de Biologia, da Universidade Federal de Uberlândia, com a respectiva matrícula 11411BIO044, sob orientação da professora doutora Daniela Franco Carvalho, por meio deste, solicito a participação de pais e mães para a realização de uma pesquisa através de questionário, sob a forma de entrevista, com uso de gravações feitas com o entrevistado presente, ou através de áudio enviado para o organizador deste trabalho. As respostas serão transcritas e irão compor o Trabalho de Conclusão de Curso do orientando. A pesquisa gira em torno das influências do conteúdo contemporâneo presente nas histórias em quadrinhos, desenhos animados, filmes, e afins para a infância. Através deste termo de compromisso e confidencialidade, declaro que as informações pessoais dos entrevistados não serão expostas no trabalho, como forma de respeito à privacidade dos mesmos.

Consentimento Livre e Esclarecido

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa. Declaro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a realização da pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Nome do Participante da Pesquisa

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisador Principal : Lucas Artiaga Pfeifer Oliveira – F: (34) 992693220

Demais pesquisadores: Daniela Franco Carvalho – F: (34) 9916828226

Instituto de Biologia (INBIO) – Universidade Federal de Uberlândia – Rua Ceará s/n – Bloco 2D – Sala 23 – Umarama – Uberlândia – CEP: 38405-315

